

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

PRISCILA MENEZES GONÇALVES

A SEMIÓTICA NA TERRA DE MACUNAIMA
A HISTÓRIA DA SEMIÓTICA EM RORAIMA

Boa Vista
2005

PRISCILA MENEZES GONÇALVES

A SEMIÓTICA NA TERRA DE MACUNAIMA
A HISTÓRIA DA SEMIÓTICA EM RORAIMA

Trabalho de Conclusão de Curso – projeto de pesquisa
– apresentado como requisito para obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação da Universidade Federal de
Roraima.

Professor Orientador: **Maurício Elias Zouein**

Boa Vista
2005

PRISCILA MENEZES GONÇALVES

A SEMIÓTICA NA TERRA DE MACUNAIMA
A HISTÓRIA DA SEMIÓTICA EM RORAIMA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado e aprovado em sua forma final pela Coordenação do Curso de Comunicação – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Roraima, em 19 de agosto de 2005 – constante da ata de aprovação.

Banca Examinadora:

Prof. Maurício Elias Zouein
UFRR – Boa Vista
Professor Orientador

Prof. M. Sc. Noujain Pereira
UFRR – Boa Vista
Membro

Prof. (a) M. Sc. Vângela Maria Isidoro de Moraes
UFRR – Boa Vista
Membro

Aos meus pais, Ercílio Nicolau Gonçalves e
Marília Menezes Gonçalves, pela dedicação e
amor em toda minha vida.

Agradeço a meus pais e aos meus irmãos Anselmo e Alisson por sempre terem me apoiado e aconselhado em todas as decisões da minha vida e acreditado em meu potencial. Às minhas amigas Janaína, Kelly e Laura pela amizade e companheirismo nos momentos mais difíceis, em especial à Loana e Isabela que muito colaboraram na conclusão desta pesquisa. Aos amigos de faculdade, em especial, a Léo e Penélope que dividiram comigo momentos de angústia e incerteza, com elas comecei o curso e juntas vamos terminar. Obrigada meninas! Aos professores: Áurea, Luciana, Rosângela, Noujain, Goretti, Sandra, Zequinha, Sônia, Vângela, pela troca de conhecimento e amizade. Ao meu orientador e professor Maurício Zouein pela dedicação e conhecimento doado nesta etapa e em todo curso. E a Deus, que sempre iluminou meu caminho me mostrou que nesta vida para realizar um sonho é preciso simplesmente, querer de verdade.

O ser humano só é verdadeiramente grande
quando age movido por grandes paixões.

Hegel

Lista de Fotos

Foto 1 – Immanuel Kant.....	12
Foto 2- Charles Sanders Peirce.....	14
Foto 3- Prof. Maurício Zouein e o Phd. Floyd Merrell.....	22
Foto 4- Prof. Dr. Luiz Carlos Iasbeck.....	24
Foto 5- Priscila Gonçalves.....	31
Foto 6- Prof. Dr. Eufrásio Prates e Priscila Gonçalves.....	32
Foto 7- Phd. Floyd Merrell e Priscila Gonçalves.....	33
Foto 8- Estudantes de Comunicação/ Trilha Ecológica.....	35

Lista de ilustrações

Figura 1 – Tráfado Peirceana.....	14
Figura 2 – Tripod.....	52
Figura 3 – Triângulo de Orgen- Richards.....	53
Figura 4 – Nó Borromeano.....	53

SUMÁRIO

Lista de fotos	vi
Lista de Figuras.....	vii

	APRESENTAÇÃO	9
1	A CHEGADA DE UMA NOVA CIÊNCIA EM RORAIMA	11
	1.1 A semiótica Pierciana	11
	1.2. O surgimento da semiótica em Roraima	17
	1.2.1 A formação do Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia	21
	1.3 Semiótica: perspectivas para o futuro em Roraima	29
2	AS POSSIBILIDADES DO OLHAR	38
	2.1. As linguagens do audiovisual	38
	2.1.1. A semiótica filmica	42
	2.2 Realismo e semiótica	46
	2.3 Semiótica	53
3	ROTEIRO: “A semiótica na terra de Macunaima”	60
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
	REFERÊNCIAS	74

APRESENTAÇÃO

Um povo sem memória não tem história para contar. Todos os dias nós vivemos uma parte de nossa história e se ela não for escrita ou gravada, seja ela por um sistema de áudio ou áudio visual, ela só poderá ser contada por nós mesmos. Porém, quando nós morrermos ninguém mais poderá contar nossa história com tamanha precisão do que nós mesmos, e é assim que a história se perde no tempo.

Com a vida das instituições, órgãos, entidades, associações ou mesmo com as ações realizadas utilizando a semiótica em Roraima pode acontecer a mesma coisa. O Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia-NUPS só terá uma história registrada se ela for contada e documentada por alguém. Eis aqui o projeto desta aluna-pesquisadora. Neste trabalho de conclusão de curso vai ser feito um resgate histórico das ações que resultaram na criação do NUPS e das atuações de seus integrantes envolvendo a semiótica e o Núcleo até os dias de hoje, e através desta pesquisa vai ser feito um documentário.

O primeiro capítulo compreende a primeiridade¹ de Peirce, ou seja, a aluna-pesquisadora descreve a maneira como imagina o objeto de estudo. No segundo capítulo trata-se da secundidade por que ele representa ação e reação, isto é, o contato que houve com o objeto. Por fim o terceiro capítulo é composto pela norma, regra, lógica, o símbolo. O documentário é aquela realidade que se pretende representar.

¹ As categorias do signo de Peirce estão delimitadas nas monografias dos semestres 2004.1 e 2004.2 dos alunos orientandos do Professor Maurício. As pesquisas poderão servir como base para um aprofundamento no assunto.

A escolha de tal ferramenta midiática deu-se mediante o fato da tentativa de chegar o mais próximo possível da realidade. Com a experiência da aluna-pesquisadora e os depoimentos coletados será possível reunir todos os materiais necessários para o resgate desta história. A função do jornalista é analisar o fato e tentar retratá-lo da forma mais próxima do real, para tanto, é necessário escolher uma ferramenta. A escolhida aqui foi audiovisual.

Mediante a escolha será possível registrar entrevistas, fatos e imagens que se referem ao tema. A utilização do documentário possibilita ao pesquisador ter, em seu material, informações obtidas por meio das linguagens híbridas, permitindo uma maior compreensão por parte dos receptores. Neste caso serão utilizadas as linguagens: visual, sonora e verbal.

Por meio da semiose, que, segundo Pierce, é ação dos signos, a aluna-pesquisadora captou signos em seu documentário que se transformaram em outros signos resultando na interpretação dos fatos relatados e obtendo assim uma relação com outros signos já formados no inconsciente do indivíduo.

Para desenvolver o documentário foram necessários: um trabalho de pesquisa de dados, entrevistas e captação de imagens. As etapas e fases do documentário estão inseridas no roteiro, sendo assim, é possível acompanhar as idéias da aluna-pesquisadora e o que vai ser exibido no documentário.

Contudo o conjunto de informações repassadas foram analisadas e descritas por esta aluna-pesquisadora de maneira que toda e qualquer pessoa interessada em saber das ações desenvolvidas na área da semiótica no Estado poderá ter acesso a este material.

1 A chegada de uma nova ciência em Roraima

1.1 A semiótica Peirciana

Charles Sanders Peirce² (1839-1914) é considerado o pai da semiótica moderna. O fundador do pragmatismo estadunidense iniciou a publicação de suas pesquisas em 1867. Peirce começou muito cedo seus estudos na área da semiótica, porém nunca publicou uma obra completa em vida, como cita a autora BENSE³(2000, p. XXXIX)..

Na verdade, Peirce não deixou nenhuma obra em que houvesse apresentado organicamente, numa teoria unitária, os resultados de suas pesquisas semióticas. Foi por isso necessário reelaborar e conectar suas várias exposições sobre semiótica espalhadas, sobretudo nas publicações sobre lógica, matemática e pragmática.

O filósofo, lógico e matemático Peirce, aos 14 anos, lia Kant⁴. Ele elaborou a sua semiótica ao longo de 40 anos de estudo e concebeu a ciência como um estudo da linguagem enquanto lógica. Peirce conceituou o signo da

² (1839-1914), cientista, matemático, historiador, filósofo e lógico norte-americano, é considerado o fundador da moderna Semiótica. Graduiu-se com louvor pela Universidade de Harvard em química, fez contribuições importantes no campo da Geodésia, Biologia, Psicologia, Matemática, Filosofia. Peirce, como diz Santaella (1983: 19), foi um "Leonardo das ciências modernas". Uma das marcas do pensamento peirceano é a amplidão da noção de signo e, conseqüentemente, da noção de linguagem. <http://www.pucsp.br/pos/cos/cepe/semiotica/semiotica.htm#13>

³ Walther- Bense, Elisabeth,. **A Teoria Geral do Signos**,. São Paulo. 2000

⁴ Kant nasceu, estudou, lecionou e morreu em Königsberg. Jamais deixou essa grande cidade da Prússia Oriental, cidade universitária e também centro comercial muito ativo para onde afluíam homens de nacionalidade diversa: poloneses, ingleses, holandeses. A vida de Kant foi austera (e regular como um relógio). Levantava-se às 5 horas da manhã, fosse inverno ou verão, deitava-se todas as noites às dez horas e seguia o mesmo itinerário para ir de sua casa à Universidade. Duas circunstâncias fizeram-no perder a hora: a publicação do Contrato Social de Rousseau, em 1762, e a notícia da vitória francesa em Valmy, em 1792. Segundo Fichte, Kant foi "a razão pura encarnada". <http://www.mundodosfilosofos.com.br/kant.htm>

seguinte maneira, segundo NETTO (1999. p. 56) em Semiótica, Informação e Comunicação.

Um signo (*ou representamen*) para Peirce, é aquilo que, sob certo aspecto, representa alguma coisa para alguém. Dirigindo-se a essa pessoa, esse primeiro signo criará na mente (ou semiose) dessa pessoa um signo equivalente a si mesmo ou, eventualmente, um signo mais desenvolvido. Este segundo signo criado na mente do receptor recebe a designação de *interpretante* (que não é o intérprete), e a coisa representada é conhecida pela designação de objeto.

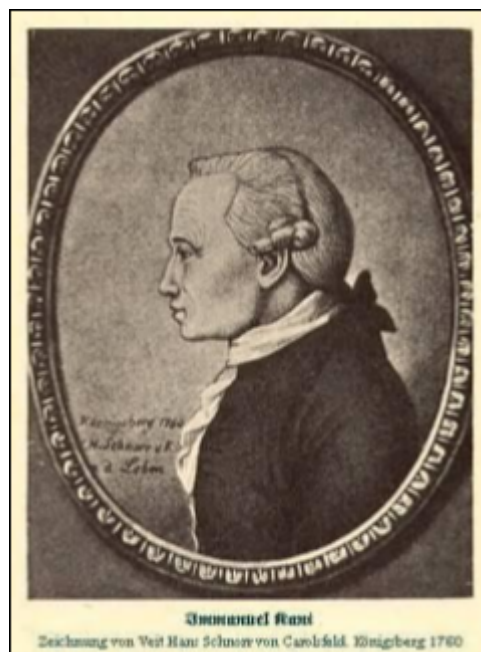


Foto 1- Immanuel Kant (1724-1804)

Um dos estímulos do estudo semiótico de Peirce foi a obra de Kant, “Crítica da Razão Pura” (1791). Peirce fundou sua concepção do signo por meio de “três categorias universais”, que podem ser entendidas como “primeiridade, secundidade e terceiridade”. Essas três categorias são determinadas como relações binárias e ternárias, tema desenvolvido por ele

em suas “lógicas das relações”. PIGNATARI (2004. p. 19) exemplifica esta relação da seguinte forma.

“... Podemos ilustrar essa visão com a estorinha de Newton e a maçã”:

- Newton repousando e/ou pensando sob a macieira, aberto a todas as possibilidades (primeiridade);
- A maçã cai, tirando-o subitamente da primeira situação (secundidade);
- Newton põe-se a pensar sobre a queda da maçã e generaliza suas idéias, criando a lei da gravitação (terceiridade) “.

O fato de Peirce determinar o signo por meio de uma relação triádica relaciona-se que este é o pressuposto basilar para a definição e a classificação dos signos, suas diferenciações, suas possibilidades de conexão, sua comunicabilidade, seu emprego, entre outros fatores.



Foto 2 - Charles Sanders Peirce (1839-1914)

Figura 1 - Tríade Peirceana: a tríade Peirceana do signo relaciona-se por meio do signo veículo (fumaça), o objeto (fogo), e o interpretante (idéia do fogo na mente do observador)

Peirce subdividiu a semiótica em três campos: a gramática pura ou especulativa, a lógica específica e a retórica pura, ou mesmo, a retórica. Ele empregou esses conceitos de forma que aplicaria a gramática na primeiridade, a lógica como secundidade e a metódica como terceiridade. Como explica BENSE (2000. p. XL)..

Na gramática se estabelecem as *condições formais* dos signos; na lógica, determinam as *condições formais* da verdade dos signos; ao passo que na metódica, investiga-se a *força dos signos*, isto é, sua aptidão para a descoberta de novas verdades, ou seja, desenvolve-se um 'método dos métodos de descobertas', uma heurística dos signos.

A caminhada pelas descobertas da semiótica de Peirce foi solitária, ele não teve apoio de amigos e nem de colegas do “pragmatismo”, com exceção de Josiah Royce. Porém, a única que deu atenção à pesquisa de Peirce foi Lady Victoria Welby. Eles não se conheciam pessoalmente, mas mantiveram contato para discutir a teoria entre os anos de 1903 a 1911. Lady escreveu em 1903 uma obra que falava sobre a questão dos significados, “*What is Meaning?*”, e em 1911, “*Significs*”.

Peirce ainda não sabia ao certo o valor de suas pesquisas, mas acreditava que em Lady tinha encontrado alguém para debater sobre o problema do significado. Ainda na obra “Semiótica e Literatura”, Pignatari comenta a indiferença em relação ao trabalho de PEIRCE (2004, p. 18).

(...) A verdade é que Charles Sanders Peirce foi menosprezado em sua própria terra, não tendo podido publicar sequer um livro, em toda a sua existência mais ou menos longa; toda a sua obra é fragmentada e se encontra espalhada por jornais e revistas - uma vasta obra, diga-se de passagem.

Contudo, até hoje a semiótica de Peirce ainda não é disseminada como deveria; um dos fatores que contribuíram foi o fato da publicação de sua obra ter sido feita em apenas algumas pequenas revistas. Porém, mais tarde, foi lançada a publicação de “Collected Papers of CH. S. Peirce”, editada nos anos de 1931 a 1935 e 1958 em oito mil volumes.

Apesar disso, não é tarefa fácil realizar a leitura dos textos de Peirce sobre semiótica. A linguagem rebuscada, científica e extremamente concisa só se torna clara após longas e profundas leituras sobre o assunto. Alguns manuscritos de Peirce não foram publicados e só são acessíveis em um arquivo de microfilmes. Porém, a importância dos estudos de Peirce, em outras áreas além da semiótica, não pode ser contestada, segundo BENSE (2000, XLI)..

Peirce pode, indubitavelmente, ser considerado como um dos mais importantes fundadores da lógica matemática, depois de Augustus Morgan e George Boole e ao lado de Gottlob Frege, Giuseppe Peano, Bertrand Russel e Alfred North Whitehead, Ernst Schorder, e outros.

Estes lógicos matemáticos citados por último, ocuparam-se, todos eles, sem dúvida alguma, com problemas semióticos e também obtiveram em parte alguns conhecimentos, ou deram ênfase a conexões lógicas: mas suas pesquisas não apresentam qualquer ampliação da teoria de base de Peirce. Ernst Schoder é, aliás, o único dentre esses lógicos que, por exemplo, em seu discurso *Über das Zeichnen* [Sobre o signo] de 1890, remete a Charles Peirce, que conforme declara o autor em diversos outros trechos, muito incentivou em suas próprias investigações lógicas.

A semiótica, Teoria dos Signos vem sendo estudada desde muito tempo antes de Peirce por meio de obras de Platão⁵ e Aristóteles⁶ com o nome de semiologia⁷, porém ainda há muita discussão sobre a finalidade deste estudo. PIGNATARI (2004. p 20.) explicita a sua função.

“Mas, afinal para que serve a semiótica”? Serve para estabelecer as ligações entre um código e outro código, entre uma linguagem e outra linguagem. Serve para ler o mundo não-verbal: ‘ler’ um quadro, ‘ler’ uma dança, ‘ler’ um filme - e para ensinar a ler o mundo verbal em ligação com o mundo icônico e não - verbal”.

1.2 O surgimento da semiótica em Roraima- sob o olhar da acadêmica por meio da abdução

Há uns sete anos, a professora Vângela Moraes adotou na disciplina que lecionava Teoria da Comunicação, a semiótica, como estava previsto no

⁵ Platão (427-347) “Desenvolveu vários estudos semióticos na Crátilo e no Sofista”. Walther-Bense, Teoria Geral dos Signos, 2000, p. XVII

⁶ Aristóteles (384- 322) “Pelo menos a partir de Aristóteles são conhecidos os conceitos ‘doutrina dos signos’, ‘teoria dos signos’, isto é, ‘arte dos signos’(…).Walther-Bense, Teoria Geral dos Signos, 2000, p. XV

⁷ Ciência geral dos signos, segundo Ferdinand de Saussure (v. saussuriano), que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas de signos, i. e., sistemas de significação. Em oposição à lingüística, que se restringe ao estudo dos signos lingüísticos, ou seja, da linguagem, a semiologia tem por objeto qualquer sistema de signos (imagens, gestos, vestuários, ritos, etc.); semiótica (q. v.). FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Dicionário Aurélio*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

currículo. E, com o passar dos tempos, a teoria passou a ser estudada e utilizada em diversas disciplinas do curso de Comunicação Social⁸.

“Eu lembro que por volta de 97, 98, eu já ministrava a disciplina de Teoria da Comunicação I e II, da grade velha, e constava na programação desta disciplina, a semiótica. e nós começamos a conversar com os alunos sobre o assunto e ver que o caminho que estávamos seguindo era totalmente novo.” (entrevista concedida pela Professora Vângela Morais em julho de 2005 para a aluna-pesquisadora)

No ano de 2001, o então acadêmico do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, Maurício Zouein, começa a preparar seu trabalho de conclusão de curso utilizando a Semiótica, dando origem a uma série de outros trabalhos. Naquela época, nenhum aluno havia feito trabalho parecido. A semiótica, teoria estudada desde 300 a.C. por Aristóteles e Platão – segundo Bense (1999) – causou certa estranheza quando passou a ser utilizada, pela falta de contato com esta ciência.

O interesse do aluno surgiu quando ele foi servir o quartel e tivera que passar um longo período dentro da mata. Pensando nesta hipótese, ele pediu ao seu pai um livro para se entreter enquanto estivesse por ali. O livro escolhido pelo pai foi “Os Pensadores: Peirce e Frege”, um dos precursores do estudo da teoria. E foi por meio dessa obra que o interesse do pesquisador surgiu na área da semiótica.

⁸ Entrevista concedida pela Professora Vângela Morais em julho de 2005 para a aluna-pesquisadora.

“Em 83 eu servi exército aqui, na época, segundo BEFE, e naquela época nós ficávamos muito em regime de internato, vai pra uma missão fica trinta dias, vai pra outra fica quinze dias, e numa dessas ações dentro do exército nós, o comandante avisou que nós iríamos para Auaris, Ericó, Tepequém. Ai eu liguei para meu pai ,na época nós morávamos no hotel Tropical, hoje Aipana, e pedi pra ele comprar um livro para mim. Como naquela época aqui não tinha livrarias, só bancas de revista, se eu não me engano a do seu Dadá, e pedi um livro. O único que havia era aquela coleção dos Pensadores, de Peirce e Frege. Tratava de lógica, aí foi assim...”

A partir daí esse aluno começou a trabalhar a disseminação da semiótica em Roraima. A primeira defesa de um Trabalho de Conclusão de Curso foi realizada no salão de convenções no hotel Aipana. Na banca estavam os professores: Goretti Leite (hoje uma das Fundadoras do Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia), Alexandre Borges e Carlos Marinho Cirino (orientador). O pesquisador escolheu como tema a palavra índio e/ou indígenas nas manchetes dos jornais locais. O projeto foi intitulado: “Em nome da terra”⁹, que inclusive rendeu um documentário, patrocinado pelo SESI.

Há quatro anos, falar em semiótica na Universidade Federal de Roraima, ou mesmo no Estado como um todo era um tema pouco conhecido. Talvez poucas pessoas na época tivessem conhecimento da teoria de Charles S. Peirce. Na turma de formandos de 2001 nenhum outro trabalho foi feito utilizando a teoria. Os pesquisadores de outras partes do país, que já trabalhavam com a teoria, ficaram muito satisfeitos ao saber do projeto do pesquisador. O trabalho também foi defendido no Congresso Brasileiro de Semiótica, da Universidade de São Paulo-USP.

⁹ ZOUEIN, Maurício Elias. *Em nome da terra: semiótica, índio e mídia em Roraima*. Boa Vista. Monografia apresentada ao Departamento de Comunicação Social como requisito para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), 2001.

Após o pioneirismo da UFRR, hoje professores de algumas universidades particulares, como a Universidade Cathedral e a Atual da Amazônia, também estão incluindo no currículo de algumas disciplinas o estudo da teoria de Peirce. O estudo dos significados relativos é indispensável nesta área da comunicação, pois a comunicação é subjetiva e imprescindível na vida de todos nós.

A chegada da semiótica causou, entre outros pensamentos e sentimentos, admiração, curiosidade, indiferença, interesse e, mais do que nunca, uma extrema vontade de decifrar esta ciência tão comum em nossas vidas, mas tão difícil de ser explicada. Hoje, depois de muito estudo, leituras, participação em congressos e conferências na área, ainda não é tarefa simples explicar a função da semiótica no nosso cotidiano.

A teoria já era aplicada na vida dos roraimenses, mesmo que eles não soubessem; ela está o tempo todo na vida de cada um. Só o fato de pensarmos a respeito de algum objeto que represente algo para nós, já estamos utilizando a semiótica. A vida é uma eterna semiose, ela nos envolve sem que nós percebamos. Hoje os trabalhos acadêmicos na UFRR que utilizam a semiótica são conhecidos em várias instituições do país. Esta teoria tem aberto portas para professores e estudantes na expansão dos seus estudos.

Em 2001, quando o primeiro trabalho de conclusão de curso foi apresentado na UFRR ele poderia ter sido o último, porém a semiótica começou a ser disseminada em Roraima, e agora em 2005 ela é comentada, todavia, muito ainda deve ser feito para a popularização desta teoria.

Semioticamente falando, esta teoria “representa” muito o estudo da comunicação, por esta razão deve ser refletida.

A apresentação de um tema utilizando a semiótica trouxe inovação e conquistou o respeito de alunos e professores da Universidade Federal de Roraima; a continuação deste trabalho de disseminação da teoria de Peirce está trazendo para o curso de Comunicação Social, e para a instituição como um todo, mais envolvimento entre alunos e professores. Contudo, com a implantação do NUPS, professores e alunos terão mais oportunidades de refletir sobre a ciência e fazer novas descobertas.

1.2.1 Formação do Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia

No dia 14 de abril de 2004, o Prof. Dr. Roberto Ramos¹⁰, por meio da reitoria da Universidade Federal de Roraima, cria o Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia. A relatora do projeto foi a professora doutora Kátia Wankler. Sete Professores e três técnicos da UFRR participaram da votação. A criação do NUPS foi aprovada por unanimidade. Os professores autores da proposta foram: Áurea Lúcia M. Oliveira Corrêa, Maria Goretti Leite, Maurício Elias Zouein, Noujain Pereira, Sandra Maria de Moraes Gomes, Sônia Costa Padilha e Vângela Maria Isidoro de Moraes.

Em 2003 quando o professor PHD. Floyd Merrel da Purdue University (USA) esteve em Roraima para conhecer os trabalhos na área e ministrar a

¹⁰ Reitor da Universidade Federal de Roraima

palestra “Estética e Semiótica”, o GTIN, Grupo de Trabalho para a Instalação do Núcleo de Pesquisas Semióticas de Roraima (NUPS), foi impulsionado para expandir seus objetivos de implantação do Núcleo.

Na época, faziam parte do grupo as professoras Goretti Leite, Vângela Moraes e Áurea Lúcia, a diretora do Museu Integrado de Roraima e Conselheira de Cultura do Estado, Helena Fioretti, e o coordenador do grupo, Maurício Zouein. Em seguida, alguns alunos passaram a fazer parte do GTIN e também realizar pesquisas nas áreas de educação, multiculturalismo¹¹, turismo e mídias, todos utilizando a semiótica como referencial teórico.



¹¹ O conjunto dos meios de comunicação, e que inclui, indistintamente, diferentes veículos, recursos e técnicas, como, p.ex., jornal, rádio, televisão, cinema, outdoor, página impressa, propaganda, mala-direta, balão inflável, anúncio em site da Internet, etc. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Dicionário Aurélio**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

Foto 3 - Maurício Zouein e Floyd Merrell durante a palestra na UFRR -2003. Foto: Karen Telles

Contudo, os integrantes do GTIN sentiram a necessidade de desenvolver cursos de extensão como forma de divulgar e expandir os conhecimentos em semiótica e incentivar a literatura. Entre eles estavam: Semiótica e Power Point para professores, Semiótica e Teatro, e Semiótica e Mídias. No último deles, o Prof. Dr. Eufrásio Prates do ICESP (Brasília) participou por meio de um Chat¹² com os alunos do curso em 2003. Logo depois dos cursos o Professor MSC. Nujain Pereira passou a fazer parte do Núcleo.

E, enfim, havia bases fortes para a criação do Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia. Ele surgiu da necessidade de ampliar os horizontes dos docentes, discentes e pesquisadores da Universidade Federal de Roraima, e da preocupação de não só formar acadêmicos com base teórica para desempenhar suas funções na sociedade, utilizando assim os ensinamentos da semiótica e aplicando a sua teoria na vida. São ações conjuntas e engajadas entre professores e alunos de Roraima que poderão tornar a UFRR um centro de excelência nesta área do conhecimento.

Com o Núcleo já criado, o Professor Doutor Luiz Carlos Jasbeck ministrou uma palestra em Roraima em 2004, o que contribuiu para a confiança

¹² Forma de comunicação através de rede de computadores (ger. a Internet), similar a uma conversação, na qual se trocam, em tempo real, mensagens escritas; bate-papo on-line, bate-papo virtual, papo on-line, papo virtual. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Dicionário Aurélio*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

daqueles que começavam dar os primeiros passos nesta teoria. De acordo com ele¹³, a implantação do Núcleo em Roraima é de suma importância.

O fato de estar longe (especialmente) dos grandes centros de pesquisa do país, faz de Boa Vista um local privilegiado para investimento em pesquisas que, naqueles centros, já possuem feudos organizados e pouco receptivos a contribuições estranhas. A distância não é, pois, um agravante, mas um elemento facilitador para a liberdade intelectual. Longe das discussões de poder no mundo acadêmico, a Universidade Federal de Roraima pode (e deve, ao meu ver) funcionar como local seguro para encontros democráticos e abertos ao conhecimento. Afinal, a semiótica é uma ciência fundamentalmente pluridisciplinar, que não pode prescindir da colaboração de fora – não apenas de outras ciências correlatas mas, sobretudo, dos representantes das diversas tendências que (hoje) a povoam.



Foto 4- Prof. Dr. Luiz Carlos Iasbeck durante a palestra na UFRR- 2004. Foto: Rodrigo

Baraúna

¹³Luiz Carlos Iasbeck, abril, 2005, mensagem enviada por correio eletrônico para aluna-pesquisadora.

Entre os objetivos do Núcleo estão:

- Trabalhar em prol da inclusão social e digital dentro das novas perspectivas da região;
- Organizar a integração dos docentes, discentes e técnicos com a comunidade;
- Provocar a discussão científica entre a comunidade acadêmica e a sociedade civil roraimense;
- Estudar e valorizar o paradigma interno das culturas suscetíveis de correlação;
- Equipar-se de laboratórios que ofereçam condições e possibilidades de acesso a instrumentos técnico-práticos;
- Estudar e pesquisar os sentidos das diversas linguagens;
- Sistematizar as discussões sobre o NUPS nos departamentos, como forma de socialização de questionamentos e encaminhamentos de sugestões.

A infra-estrutura do NUPS está disposta no Núcleo de Rádio e Televisão Universitário (NRTU). A estrutura organizacional está formada pelo Núcleo, em seguida pelo conselho, a coordenação e, por conseguinte, os laboratórios de semiótica americana, francesa e russa. O laboratório de semiótica da cultura será o local onde vai ser estudada a semiótica dos estudos russos.

Essa disciplina teórica constitui-se no Departamento de Semiótica da Universidade de Tártu, Estônia, nos anos 60, em meio aos encontros da

“Escola de verão sobre os sistemas modelizantes de segundo grau”, que reuniu professores locais e também de Moscou. A definição da semiótica russa como semiótica da cultura dá-se pela tendência para prática interdisciplinar e o compromisso com a investigação nas variadas esferas da vida cultural. A semiótica russa optou em compreender os mecanismos geradores dos signos, em vez de buscar os fundamentos da cultura.

Na proposta de estudo do laboratório estão: trabalhar a semiótica como um grande texto, investigar e problematizar questões como os conceitos de cultura, de sistema e de modelização, criar seminários de análise aplicada com o objetivo de entender as diferentes gestões do conhecimento e os diferentes códigos e sistemas.

No laboratório de semiótica lingüística a teoria estudada é a da Escola de Paris, fundamentada nos conceitos de Saussure¹⁴. Essa teoria semiótica não se ocupa do signo, mas da significação. Ela tende a indicar o fazer semiótico, ou seja, investigar as relações estruturais subjacentes num processo de reconstrução, procurando o broto dos sentidos, onde tudo começa. Entre as propostas do laboratório estão:

- Investigar a fonética semiótica, lingüística, evolutiva, alterações e fonética;
- A relação entre a teoria do signo e a teoria da língua, definições de sistemas, unidade, identidade e valor lingüístico;

¹⁴ Ferdinand de Saussure (1857- 1913) “El enfoque de Saussure sobre la lengua difiere muchísimo del que plantearon los filólogos del siglo XIX”. KREIMER, Juan Carlos. Semiótica para Principiantes. Argentina. 2001. p.9)

- Procurar integrar, na ordem dedutiva do segundo tópico, da riqueza analítica do primeiro;

- Criar seminários de análise aplicada com o objetivo de entender as diferentes gestões do conhecimento e dos códigos e sistemas.

E, por fim, o laboratório de Semiótica e Mídias vai estudar as correntes que discutem a origem da semiótica. Por exemplo:

- Platão tratou de definir o signo em seus diálogos sobre a linguagem; John Locke, no século XVII, postulou a doutrina dos signos com o nome de “semiotikes”;

- Em 1764, John Lambert escreveu “um tratado específico intitulado Semiotikes” (Nõth, 1995:20);

- E duzentos anos depois, Thomas Sebeok publicou a palavra no plural por meio da coletânea *Approaches to semiotics*.

Contudo, essa preocupação etimológica abriu espaço para a discussão de duas grandes correntes do século XX, no campo do estudo dos signos: a semiologia e a semiótica que passaram a serem estudadas por Saussure e Peirce. De um lado, Peirce vê o signo de forma platônica e aristotélica, ao passo que a semiologia pós-saussuriana apóia-se no signo de forma dual. Dá-se aí a importância deste debate em explicitar ao leitor a opção pela semiótica pós-estruturalista de inspiração peirceana, de Umberto Eco e Thomas Sebeok. Entre as proposta do laboratório estão:

- Trabalhar com a semiótica peirceana evidenciando a utilidade da ciência dos signos nos mais diversos campos da investigação;

- Criar dispositivos e instrumentos metodológicos aptos a desvendar o universo multiforme e diversificado dos fenômenos de linguagem;
- Criar seminários de análise aplicada com o objetivo de entender os diferentes gestões do conhecimento e os diferentes códigos e sistemas.

As linhas de pesquisa do NUPS são:

- A da semiótica russa, iniciada pelos estudiosos das escolas de Tartu e Moscou (Yuri Lotman, Boris Uspensky, V.V. Ivanov, dentre outros). Esta escola desenvolveu-se a partir dos estudos da literatura, alastrando-se pelas teorias da cultura que culminam com as Teses Eslavas da Cultura; a coordenadora dessa linha é a Professora Vângela Moraes;
- A semiótica francesa, escola instaurada pelo estruturalista, nascido em Genebra, Ferdinand de Saussure, com base nos estudos da lingüística, e desenvolvida posteriormente por Algirdas Greimas e seus seguidores; esta linha é coordenada pelo professor Mestre Nujain Pereira;
- E a semiótica norte-americana, fundada no início do século XX pelo norte-americano Charles Sanders Santiago Peirce, filósofo, lógico e matemático, considerado o pai do pragmatismo e o inaugurador da Teoria Geral dos Signos. Ele desenvolveu estudos de estética, ética e metafísica elaborando uma consistente e inovadora teoria da percepção humana; o professor coordenador é Maurício Zouein.

Os objetivos da implantação do Núcleo são:

- O aumento de produção científica da UFRR e publicação de trabalhos;

- O aumento no número de alunos atendidos com programas de iniciação científica; a criação de programas de pós-graduação;
- A ampliação no número de grupos de pesquisa;
- E a ampliação na oferta de cursos de extensão para a comunidade.

1.3 Semiótica: perspectivas para o futuro em Roraima - sob olhar da acadêmica por meio da abdução

Crescer e se desenvolver. Este é o maior desafio que a semiótica vai passar ao longo dos anos no Estado de Roraima. Depois do começo por meio de um trabalho de conclusão de curso, a semiótica deve ser cada vez mais utilizada.

Decifrar a teoria dos signos não é tarefa fácil, mas com a dedicação de alunos e professores é possível ver um futuro de progressos. Pode-se dizer que hoje a semiótica representa para o estudo da comunicação o que as teorias de Platão e Aristóteles representavam naquela época: estranheza e dúvida. Isto porque ainda é difícil de perceber como a semiótica está presente no nosso dia-a-dia.

Os primeiros trabalhos de acadêmicos utilizando a semiótica abriram o caminho para novas pesquisas, como participações em congressos e conferências. O desenvolvimento de mais sete trabalhos utilizando a teoria da Charles Sanders Peirce no semestre de 2005.1 vai abrir espaço para novas discussões na Universidade, e a disseminação da ciência.

Com certeza a semiótica com o passar dos anos será cada dia mais popular em Roraima. Com a inclusão em grades curriculares de algumas faculdades particulares em Boa Vista, não só os alunos ligados à comunicação terão mais acesso à semiótica, mas outros cursos também estão estudando esta teoria.

Este interesse pela semiótica vem provando que, ao passar dos anos, outros cursos também estarão utilizando alguns preceitos de Peirce para entender melhor a teoria dos signos. Depois da apresentação do primeiro trabalho, o número de adeptos foi crescendo e poderá aumentar ainda mais. Pois hoje esta disciplina é obrigatória na grade do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Roraima, e com a realização do I Congresso de Semiótica aqui no Estado de Roraima, mais temas de estudo devem ser propostos por alunos e professores.

Para o sucesso dos trabalhos do NUPS é necessária a união de alunos e professores em prol de uma formação melhor de seus acadêmicos. A semiótica veio para somar conhecimento na área do estudo da comunicação e este exemplo deve servir para os outros cursos.

A semiótica só tende a crescer em Roraima, porque ela é uma teoria utilizada em nosso cotidiano. Por dois anos seguidos, acadêmicos de comunicação tiveram seus trabalhos selecionados (inclusive o desta pesquisadora) para serem apresentados a mestres e doutores em Semiótica.



Foto 5 - Priscila Gonçalves fazendo a leitura do texto: O Corpo Coisa: Sexo, Dinheiro e Lágrimas durante a III Conferência de Semiótica na UNB-2004-foto:Maurício Zouein

O texto: O Corpo Coisa-Sexo, Dinheiro e Lágrimas¹⁵ foi um dos selecionados para ser apresentado na III Conferência de Semiótica na UNB.

Todos os sentidos de um ser humano estão inseridos em uma “complexidade” que funciona através de estímulos mentais. Eis a mais intrincada e indescritível forma natural de vida: o corpo. Imaginar: ver, tocar, ouvir, cheirar e experimentar desperta desejos. Esses signos fascizam, deslumbram, encantam e seduzem. O corpo (re) significado em coisa, ardilosamente é o que instigou este trabalho. Mulheres são traficadas na fronteira do Brasil com a Venezuela, enganadas, ludibriadas, induzidas numa cadencia semiótica onde signos servem para iludir essas mulheres chegam a significar a decadência humana.

¹⁵ Priscila Gonçalves, junho, 2004



Foto 6- Prof. Dr. Eufrásio Prates e Priscila Gonçalves conversando sobre semiótica no intervalo da III Conferência Brasileira-2004-foto: Maurício Zouein.

Dois estudiosos da teoria estiverem no Estado ministrando palestras. Um deles foi o Americano Floyd Merrell, PHD em semiótica pela Universidade de Purdue-Indiana-EUA, no ano de 2003, como já foi citado anteriormente. Ele contribuiu para o início de muitas discussões que foram realizadas acerca desta teoria.



Foto 7- Phd. Floyd Merrel concedendo entrevista para a repórter Priscila Gonçalves (TV Caburaí / 2003) durante sua passagem em Roraima. Foto: Maurício Zouein

Outro estudioso que já esteve presente na UFRR no ano de 2004, repassando seus conhecimentos em semiótica, foi o professor Luiz Carlos Iasbeck, doutor em semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -PUC-SP. Durante a presença dele na cidade, foi notável o envolvimento de alunos e professores na palestra. Até mesmo algumas pessoas da comunidade participaram. A simplicidade como foi repassado o assunto contagiou a todos a pesquisar mais sobre o assunto. Para IASBECK¹⁶:

¹⁶abril, 2005, mensagem enviada por meio de correio eletrônico para aluna-pesquisadora

Tive o prazer de estar presente num evento especial da Universidade Federal de Roraima, no mês de março de 2004, quando presenciei a apresentação de diversos projetos de pesquisas fundamentados na semiótica peirceana. Todos eles pareceram-me comprometidos com o que há de melhor na pesquisa acadêmica: o prazer do conhecimento e a coragem para o enfrentamento da complexidade

Com a criação do Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia foi possível implementar diversas ações para o estudo da semiótica como, por exemplo, a realização de uma trilha ecológica em uma tribo de índios Macuxi, Wapixana e Taurepáng. Depois da caminhada na trilha, foi desenvolvido um texto sobre a percepção dos sentidos por meio da semiótica.

O resultado deste trabalho foi a presença de dois acadêmicos do curso na II Conferência Brasiliense de Semiótica apresentando seus textos: Rodrigo Baraúna (jornalista formado pela UFRR) e Janini Marques (estudante do curso de Comunicação – UFRR). Fato este que acabou rendendo o convite seguinte na conferência do outro ano, onde mais duas acadêmicas tiveram seus textos apresentados e debatidos. A Universidade, também através do curso de comunicação, foi convidada para participar de congressos de semiótica em países como: Venezuela e França.



Foto 8 - Os estudantes: Ricardo Amaral, Leocides Grazziotin, Romano dos Anjos, Daniel Albuquerque, Priscila Gonçalves e a convidada Karen Telles no percurso da Trilha Coatá na comunidade Nova Esperança. Foto: Maurício Zouein

As perspectivas para o estudo da semiótica são promissoras, a tendência é que mais alunos estejam realizando trabalhos utilizando esta teoria durante o curso de comunicação, realizando pesquisas e experimentos, e aumentando as chances de participações em outros congressos e conferência que vão ser realizadas com o passar dos anos. O primeiro passo dado pelo então acadêmico Maurício Zouein foi valioso, e foi por meio dele que outras oportunidades surgiram para aos acadêmicos desta instituição, além da criação do Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia.

Todas as oportunidades que estão surgindo aconteceram graças ao esforço de um grupo que tem sonhos e ideais e que acima de tudo vê um futuro cheio de conquistas, não só para o estudo da semiótica em Roraima e para o curso de Comunicação, mas para toda a Universidade Federal de Roraima. A semiótica hoje representa o respeito adquirido por estes pesquisadores com outras instituições deste país e do mundo.

No universo de trabalhos publicados em eventos científicos estão: I EPIC e ENEX, um trabalho citado na revista Galáxia, revista Transdisciplinar de comunicação, semiótica e cultura do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP número 04-2002 (página 315), duas exposições fotográficas em nível nacional (PUC-SP e UNB); duas pesquisas apresentadas no V Congresso Brasileiro de Semiótica, em São Paulo, e na I, II, e III Conferência de Semiótica em Brasília.

No ano passado entre as atividades do NUPS estão:

- Palestra: “Complexidade e Semiótica” (proferida pelo Dr. Luiz Carlos Lasbeck);
- Curso: “Teoria dos Signos: Comunicação e Semiótica”
- Curso: “Teoria Geral dos Signos”
- Palestra: “Jornalismo Comunitário”
- Oficina: “Produção de documentário - DOCTVII”
- “A marginalização na Semiótica das Minorias: Mapeamento e Diagnóstico das relações e Tensões Socioculturais na periferia dos municípios em Roraima”. OBS: projeto em andamento.

2. As possibilidades do olhar

2.1 As linguagens do áudio-visual

A arte de contar histórias: se assim podemos definir coloquialmente o jornalismo deve-se lembrar também que seria impossível fazê-lo sem a utilização de diversas linguagens. No jornal escrito, por exemplo, é utilizada predominantemente a linguagem verbal de forma discursiva. A linguagem visual também está inserida por meio das fotografias que são publicadas. É possível notar a forma como as duas linguagens se complementam, ao passo que, o texto acompanha a foto e vice-versa. Se não houvesse essa sintonia provavelmente não haveria comunicação, desta forma a mensagem não seria passada ao leitor que não compreenderia a notícia. Sem a harmonia entre linguagem e pensamento é impossível haver comunicação.

As linguagens foram classificadas por meio de matrizes. A palavra matriz, de acordo com Aurélio Buarque de Holanda, significa *lugar onde algo se gera ou se cria*, possui modalidades como sonora, visual e verbal. SANTAELLA (2001, pg. 373) denomina todas elas semioticamente da seguinte forma:

(...) a sonoridade é predominantemente uma questão de primeiridade, do quali-signoicônico, remático. A visualidade é predominantemente uma questão de secundidade, do sin-signo indicial, dicente e o verbal, predominantemente uma questão da terceiridade do legi-signo simbólico argumental.

As linguagens híbridas, ou seja, o cruzamento das linguagens sonora, visual e verbal está presente de forma impreterível na comunicação, portanto

conseqüentemente no jornalismo. Citando o exemplo do rádio podemos notar a multiplicidade de linguagens utilizadas neste meio. Nota-se que a união de discurso e som gera interpretações para outras linguagens e signos, como exemplifica SANTAELLA (2001. p. 382).

No cruzamento sonoro-verbal, encontra-se também a linguagem do rádio, infelizmente muito pouco explorada na sua natureza de linguagem. O rádio aciona uma pluralidade de signos: som, ruído, ruído ambiente, música, música de fundo, voz, fala, texto, narrativa, novela, etc. Pode inclusive, trabalhar com planos superpostos desses signos. Quaisquer que sejam suas variações, entretanto, elas sempre se enquadram no cruzamento do sonoro com o verbal oral.

É notável a riqueza de linguagens geradas no rádio, porém é incontestável as variadas possibilidades geradas pela linguagem utilizada na televisão. O tele-jornalismo, por exemplo, é a junção entre o sonoro, o visual e o verbal. O repórter que vai relatar os fatos para os telespectadores passou pelas seguintes etapas: primeiro ele vai até o local onde está a notícia e recebe as informações do fato a ser relatado, enquanto isso o cinegrafista está registrando as imagens do local que vão remeter a notícia; em seguida ele interpreta a notícia por meio dos subsídios que lhes foi dado e escreve o texto da reportagem (vale ressaltar que a notícia a ser relatada sempre terá mesmo que inconscientemente a visão do repórter); por fim com o texto pronto, o editor de imagens vai montar a matéria casando texto e imagens. Percebe-se desta forma a utilização das linguagens sonora (por meio da voz que narra a notícia, de depoimentos de entrevistados, sons ambientes), visual (de forma que as imagens retratam a o momento atual dos fatos), e verbal (visto que o texto é o

discurso da notícia). SANTAELLA (2001, pg. 388) justificativa da seguinte maneira:

Entre os canais semióticos múltiplos acima mencionados, a televisão é, sem dúvida, aquele que leva a multiplicidade ao limite de suas possibilidades. Antes de tudo, porque a televisão, por sua própria constituição, é capaz de absorver para dentro de si quaisquer outras linguagens: rádio, teatro, cinema, apresentação musical, *shows*, publicidade, esportes, jornalismo. Certamente, ao serem absorvidas dentro da linguagem específica que é a da televisão, essas linguagens passam por transformações, por vezes, bastante radicais. Isso, entretanto, não modifica a natureza da linguagem da televisão em si que é, justamente, feita de absorções e misturas, em uma sintaxe que lhe é muito particular.

Outra maneira de situar o telespectador para a notícia é a utilização da linguagem verbal no tele-jornalismo por meio dos caracteres. Eles identificam quem está participando do vídeo como o entrevistado, o cinegrafista e o repórter da matéria. O chamado “GC”, gerador de caracteres, também pode ser utilizado com a inserção de legendas para alguns depoimentos quando não há a imagens de quem está falando ou mesmo quando a fala é de difícil compreensão.

Na produção do documentário de conclusão de curso em Comunicação Social-jornalismo serão utilizados estes três tipos de linguagens: sonora, visual e verbal. O tema a ser relatado é a implantação do Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia, portanto cenários e personagens que fazem parte desta história irão compor este material. A escolha da ferramenta áudio-visual foi realizada por conta da infinidade de recursos a ser utilizado pela autora, o que, de fato, facilita a compreensão, como explica SANTAELLA (2001. p. 383).

Quando não acompanhado de palavras ou de fala, o vídeo também se realiza no cruzamento do visual e sonoro. Aliás, quanto mais intimidade as imagens do vídeo tecem na dinâmica que é própria da sonoridade, das durações, intensidades, acelerações e retardamentos, maior é a eficácia de suas imagens, pois é nesse cruzamento com os caracteres que são muito próprios da música que o vídeo atinge graus de poeticidade.

A vontade de produzir o documentário que falasse um pouco da história da implantação do Núcleo surgiu da necessidade de unir os fatos que já aconteceram com diversos personagens do Núcleo e que ainda não foram relatados. Como também mostrar a participação importante de pessoas que contribuíram para que muitos estudos fossem realizados e que não é de conhecimento da comunidade acadêmica e da sociedade como um todo. A construção do documentário vai contribuir na realização de outros trabalhos na área da semiótica em Roraima. A seguir você confere os estudos desenvolvidos na linguagem cinematográfica e que vão ser utilizados neste trabalho.

2.1.1 Semiótica Fílmica

“A sétima arte”, o cinema, encanta em todo mundo milhões de pessoas. São platéias das mais variadas idades, raças e classes sociais que chegam a alcançar recorde de bilheterias em apenas um dia de exibição no mundo. Mas

para que todo esse reconhecimento viesse à tona, e investimentos altos na arte fossem feitos os seus precursores passaram por dias difíceis. No início do século XX o cinema passou a ser comentado e discutido no meio acadêmico, porém os estudiosos não eram bem vistos. LAVRADOR (1984.p. 189) fala desses pormenores.

“Em Itália, França, Inglaterra, Alemanha, apenas estudavam o cinema ou a ele aderiam e por ele se interessavam os intelectuais contestatórios e marginalizados (além de alguns cineastas, evidentemente) que se agrupavam nas diversas correntes do chamado <<modernismo>>. A cultura oficial ou acadêmica ignorava-o totalmente, ou, quando muito, referia-se com desprezo e manifesta desconfiança a uma nova semiose que ameaçava e subvertia mesmo a práxis e as concepções tradicionais e sagradas do mundo da cultura e da arte”.

Apesar da desconfiança nos estudos de semiótica fílmica as pesquisas e debates começaram a serem feitos em meados de 1919. Os estudiosos queriam mostrar a importância da linguagem cinematográfica para o mundo. As formas como o cinema pode ser utilizado na formação política, sociológica, econômica, e cultural em todos os países. O cinema naquela época era empregado de maneira oportunista, quem estava no poder queria que fossem produzidos filmes que falassem sobre a submissão dos povos, por exemplo.

Em 27 de agosto de 1919 a indústria cinematográfica foi nacionalizada por meio de uma intervenção armada das potências capitalistas ocidentais. A seguir, em setembro do mesmo ano foi criada a primeira escola de cinema do mundo chamada de Instituto Superior de Cinematografia da URSS E esse foi

um dos maiores impulsos no estudo da semiose¹⁷ fílmica não só na práxis¹⁸ como também no campo teórico e teórico prático. Em 1915 foi fundada a Sociedade para o Estudo da Linguagem Poética, em Petrogrado e o Círculo Lingüístico em Moscou. Estas eram as organizações culturais e científicas onde se reuniam os chamados “formalistas russos”, como está descrito no texto de LAVRADOR. (1984. p. 188).

...Estes que se dedicavam, sobretudo a estudos lingüísticos e à análise formal e aprofundada da teoria da literatura, não ficaram indiferentes aos problemas levantados pela formação da nova semiose, consagrada agora ao nível dos altos organismos do Estado Pro - Socialista, iniciando então alguns dos primeiros estudos de semiótica fílmica, bem importantes muitos deles ainda hoje

Foi a partir daí que os estudos foram impulsionados na área da semiótica fílmica, porém os tradicionalistas ainda tinham receio do teor das pesquisas. Pois esta nova semiose ameaçava e subvertia a práxis e as concepções tradicionais e “sagradas” do mundo da cultura e da arte. Porém ao passo que os tradicionalistas viravam as costas para o semioticistas, mais estes estudiosos se empenhavam a mostrar o valor destes estudos de semiótica fílmica. O lançamento do livro escrito por Gilbert Cohen - Séat intitulado: “Essai sur lês Príncipes d’une Philosophie du Cinema” foi um dos impulsos para esta nova semiose. LAVRADOR (1984, pg. 190) comenta o valor da obra:

¹⁷ "A palavra técnica ‘semiose’ refere-se a ação de um signo de gerar ou produzir um interpretante de si mesmo."(p.3) **Ransdell, J. (1986). "Charles Sanders Peirce (1839-1914) Encyclopedic Dictionary of Semiotics"**

¹⁸ No marxismo, o conjunto das atividades humanas tendentes a criar as condições indispensáveis à existência da sociedade e, particularmente, à atividade material, à produção; prática. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Dicionário Aurélio**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

Não tardou, portanto, a publicação duma obra notável e importante não exclusivamente pela problemática levantada, mas, sobretudo porque marcou uma data na história da semiótica fílmica ao dar início à intervenção direta e desenvolvida da cultura académica no campo da reflexão teórica à volta do modo-de-comunicação cinematográfico.

Em meados dos anos sessenta e setenta os intelectuais clássicos dão uma trégua e passam a integrar o primitivo grupo dos filmologistas. O isolamento que perdurava a própria teoria cinematográfica chega ao fim. Era inegável a contribuição dos universitários franceses e estrangeiros e estudiosos de Sorbonne nos avanços da semiótica fílmica, os livros e periódicos que foram publicados são provas disso. Enfim nomes como: Roland Barthes, Galvano della Volpe, Umberto Eco, Gianfranco Bettetini, Emílio Garroni, e Christian Metz, além do soviético Iuri Lotman passaram a figurar como estudiosos da semiótica fílmica há tempos rejeitada. E daí veio à necessidade, segundo LAVRADOR (1984. P. 192) de integração da semiótica.

...Toma-se então plena consciência não somente dos aspectos específicos da semiótica fílmica (a de alguns chamam filmo-semiologia), mas ainda da necessidade inadiável de sua integração na semiótica geral- até porque, como é evidente para nós, mas nem sempre para todos os filmólogos, se trata aqui dum tipo nitidamente composto de semiótica, isto é, duma semiótica particular que resulta, em última análise da síntese-criadora de várias outras semióticas particulares mais simples. Não pode haver semiótica fílmica perfeita sem conhecimento prévio de outras semióticas particulares ou especializadas e duma teoria geral, englobante ou totalizante de semiótica.

A linguagem utilizada no cinema já gerou diversas discussões. A principal delas foi a respeito do cinema mudo, os estudiosos da época não aceitavam a relação direta do cinema com a linguagem verbal, que passou a ser utilizada tempos depois de sua criação. Contudo, podem-se perceber ao assistir um filme que nele estão contidas as linguagens sonora, visual e verbal, expostas no item anterior. Por meio do som é possível sentir diversas emoções como em uma fala dramática, uma música forte, o barulho de um trovão. Todos estes artifícios são empregados de forma a despertar todos os sentidos do telespectador. As imagens captadas pelos cinegrafistas são apelos visuais fortíssimo que estimulam os sentidos, as cenas são minuciosamente escolhidas pensando em quem vai receber aquela mensagem.

Quanto mais excitado ficarem os sentidos do telespectador mais sucesso terá aquela película. Da mesma forma são escolhidos os discursos, para que na medida que a história for se desenrolando a curiosidade do receptor aumente em saber da continuidade dos fatos. Desta forma também será construído este documentário de conclusão de curso, buscando a harmonia entre as linguagens sonora, visual e verbal. A autora pretende mostrar de forma objetiva, porém atrativa como se deu a implantação do Núcleo de Semiótica da Amazônia e os eventos e personagens que contribuíram para este feito.

2.2 Realismo e Semiose

De acordo com os estudiosos o termo documentário passou a ser utilizado desde o surgimento do cinema. O precursor do termo documentário foi o escocês John Grierson pioneiro no estudo do documentarismo e criador da escola britânica de documentários conhecida como a primeira no mundo a se dedicar ao estudo do assunto. Grierson foi o responsável pelo reconhecimento da produção fílmica enquanto produção autoral específica. Mesmo depois de muitos anos de sua criação até hoje os autores divergem na conceituação do que é um documentário. Para Barsan (1974, p.1) o gênero documentário é aquele cujos, “filmes registram, em película, fatos que ocorrem naturalmente em frente à câmera ou que são reconstruídos com sinceridade e por necessidades devidamente justificadas”. Entretanto PENAFRIA (1999, p.20), afirma que “o filme documentário é aquele que, pelo registro do que é e acontece, constitui uma fonte de informação para o historiador e para todos os que pretendem saber como foi e como aconteceu”.

Estas definições de documentário são feitas por autores, diretores, e estudiosos consagrados no assunto desde sua origem no final do século XIX. Na verdade pode dizer que o documentário surgiu com o advento do cinema e que o cinema surgiu com o advento do documentário, todavia que as primeiras filmagens retratavam o dia-a-dia da sociedade e dos indivíduos. Os desenvolvimentos técnicos e tecnológicos sempre estiveram ligados com a evolução do modelo de documentário e a linguagem utilizada desde os primeiros experimentos cinematográficos até a atualidade por meio do uso de recursos digitais de captação, edição e veiculação dos conteúdos. A evolução do documentarismo está interligada com o surgimento de novos aparatos e tecnologias. Sempre que foram sendo criadas novas tecnologias foram

inauguradas novas formas de uso e apropriação de linguagem também puderam ser observadas.

Em meados do século XX foram surgindo as emissoras de TV a cabo, contudo, como o documentarismo junto com o cinema e teve seu advento por meio da televisão, estas emissoras possibilitaram a popularização do gênero. Hoje em dia, por exemplo, é possível assistir a um documentário com recursos tecnológicos digitais avançados por meio da Internet. É possível também fazer uma analogia do advento do documentário com o surgimento da fotografia. Em 1855 um fotógrafo britânico documentou por meio de fotografias os aspectos da Guerra da Criméia. As fotos registradas lá foram as primeiras a mostrar para o mundo a realidade de uma guerra sob o olhar de um homem. A tradição de documentar se confunde com a atividade científica, pois os métodos de trabalho e as soluções tecnológicas são bem parecidos quando o assunto é uma pesquisa científica. GODOY (2002, p. 232). fala desta interação:

Alguns exemplos vêm do campo de interseção entre fotografia e ciência. Esboçava-se a possibilidade do uso da fotografia como um dado a mais para o desenvolvimento do conhecimento científico. É importante citar o caso de Jean Martin Charcot, que incentiva o uso da fotografia, a partir de 1875, para a documentação de mulheres com problemas mentais.

Outro cientista que também utilizou a fotografia como método científico foi o inventor da cronofotografia¹⁹, o médico Etienne-Jules Marey. Ele foi um dos cientistas que se dedicou ao registro do movimento criando vários aparelhos, e esta utilização do processo fotográfico como método científico tem certa ligação

¹⁹ Método de análise do movimento por meio de fotografias tiradas sucessivamente com intervalos iguais, e do qual proveio a cinematografia atual. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Dicionário Aurélio*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

com as origens do cinema. Pois foi com o advento da cronofotografia que Marey despontou como um dos precursores do cinema. O fisiologista projetava máquinas que produzem signos e por meio destes signos da natureza ele fazia a análise do funcionamento do organismo. GODOY (2002, p. 234) cita em seu livro:

Marey desejava que o conhecimento sobre o interior orgânico fosse possível a partir do exterior; propõem não somente a escritura dos fundamentos dos fenômenos (através dos sensores, transmissores e inscrites), mas também sua interpretação: para ele é importante descobrir o significado oculto atrás de cada curva obtida em seus aparelhos..

Portanto percebe-se que o método utilizado por Marey por meio da fotografia era inovador para a época e que ajudou não só dar os primeiros passos para a captação de imagens para indústria cinematográfica como também abriram possibilidades teóricas para o uso de aparelhos hoje bastantes comuns como eletrocardiógrafo ou o eletroencefalógrafo. O mais importante disso tudo foi que Marey contribuiu por meio da utilização das imagens fotográficas e cinematográficas para a produção do conhecimento científico principalmente aquelas questões relacionadas com o comportamento humano, tais como a antropologia visual e a etologia.

A primeira notícia que se tem de um documentário etnográfico foi durante uma exposição em Paris em 1895 quando um amigo de Marey, Charles Comte e um antropólogo/médico Félix Louis filmaram uma africana fazendo um pote. Este fato atesta que a origem do cinema é documental ou factual. Depois deste ocorrido a indústria francesa em Paris começou a

produção em série de cinematógrafos²⁰ além de treinarem a equipe de operadores para filmarem locais distantes e exóticos. Já o ano de 1922 foi um marco para a tradição documentária, pois um prospector de petróleo, Robert Flaherty, que trabalhava no Alaska resolveu fazer um filme sobre a vida dos esquimós, intitulado *Nanook*, essa película tornou-se emblemática do fazer documentário com o novo aspecto científico e investigativo utilizado, e o que hoje é conhecido como filme etnográfico.

Um dois fatores marcantes deste trabalho era a preocupação que o cientista tinha em respeitar a relação da tecnologia disponível na época bem como a vontade de preservar informações de um modo de vida que estava se perdendo. Na década de 60, 40 anos depois de *Nanook* o método utilizado para a produção de um documentário já não era o mesmo. A interferência do homem na condução da história contada foi um dos fatores ocasionados mediante o crescimento da indústria cinematográfica. As equipes e os investimentos em equipamentos foram crescendo. Com isso aquela forma primitiva de fazer documentário, sem a interferência do produtor, ia perdendo seu formato original. Os filmes dos anos 20 e 30 são ricos pela variedade de opções estéticas, nessa época ainda era possível ver filmes onde se buscava o retrato mais aproximado possível de alguma realidade.

Neste período os soviéticos defendiam o que eles chamavam de “Cine-Olho” por meio de manifestos. De acordo com os russos era necessário conservar o método do cinema-olho, pois as câmeras seriam nossos olhos melhorados, com elas seria possível retratar o que o olho humano não vê. Mais

²⁰ Aparelho inventado em 1895 pelos irmãos franceses Lumière, capaz de reproduzir numa tela o movimento, por meio de uma sequência de fotografias. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Dicionário Aurélio*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

tarde o documentário passa também destaque por se um inovador de técnicas e promotor de soluções que acabam sendo incorporadas pela indústria do entretenimento. Já na década de 30 o cinema dá um avanço com a chegada do som nos filmes ficcionais, o que comprometeu a produção dos documentários realistas como afirma GODOY (2002, p. 247) em Documentário, Realidade e Semiose:

Em 1943 toda a equipe do EMB é deslocada para a General Post Office (GPO), onde é constituída uma outra Unidade de Cinema Documentário. É importante lembrar que o brasileiro Alberto Cavalcanti trabalhou nessa equipe na condição de diretor e técnico de som, introduzindo importantes inovações no tratamento sonoro, principalmente no filme *Night Mail* (1936). Nesse momento, o filme sonoro já dominava o mercado e equivalia, para o documentário, a um banho de água fria em suas pretensões realistas.

A introdução do som no cinema ainda era de uma atividade de pós-produção, a dublagem era um método bastante utilizado para reconstruir os diálogos. Depois de captar as imagens e dublar o som era necessário sincronizar som e imagem. As máquinas que registravam som e imagem simultaneamente eram imensas e caras, portanto tornava-se difícil sua utilização no filmes, pois as produções ficavam muito onerosas. No final da década de 40 foi marcado pela institucionalização do documentário, primeiramente na Inglaterra, com Grierson, (como já foi citado) depois na Alemanha Nazista com Leni Riefenstahl e mais tarde nos Estados Unidos com Pare Lorentz.

Vale ressaltar que em 1936 foi criado no Brasil Instituto Nacional do Cinema Educativo sob a direção de Humberto Mauro. Nessa época, em 1930, quando houve a Depressão Econômica nos Estados Unidos as grandes

produtoras instruíram seus cineastas para que não produzissem filmes que retratassem a atualidade, pois o ideal era não polemizar a difícil situação social por que passava a América. Com esta censura à documentação da realidade a Liga de Foto e Filme dos Trabalhadores começam um movimento para a promoção da realização de filmes que contivessem o trabalho de documentação cinematográfica e fotográfica daquele momento.

Na década de 50 já era possível a captação do som nas filmagens para o cinema, porém as gravações não podiam ser feitas na externa onde eram coletadas as imagens, mas sim dentro dos estúdios, pela falta de portabilidade que o registro de imagens havia adquirido. Contudo os documentaristas continuavam a produzir seus filmes com aquele formato, narração e música, bem característicos dos documentários daquela época. Durante a segunda guerra mundial o documentarismo teve um impulso com as produções de filmes que retravam a realidade da Guerra, os educadores, agências governamentais, jornalistas, e outros envolvidos em áreas da comunicação se tornaram notórios. Porém depois da Guerra a produção diminuiu e os financiamentos aumentaram para o gênero ficcional.

Ainda em 50 houve a explosão midiática e incorporação do documentário na programação televisiva. Nesta época aumenta a possibilidade do poder investigativo do documentário e da captação de som e imagem pelos documentaristas com a utilização de equipamentos 16 mm. De acordo com GODOY (2002. p.254) foi crescente a evolução dos sistemas de gravação:

Já em meados da década de 60, o sistema de filmagens de som síncrono havia se configurado, agora não mais com um gravador que

usava o magnético perfurado de 16 mm, mas sim com o uso da fita magnética de ¼ polegada.

Desde àquela época até os dias de hoje os avanços tecnológicos nos equipamentos utilizados aumentaram e a capacidade de captação mais próxima da realidade foi crescendo juntamente. Hoje a produção de documentários é realizada em sua maioria por equipamentos digitais que possibilitam o registro perfeito de som e imagens simultâneos. O resultado desta evolução tecnológica você vai conferir ao assistir o documentário produzido por esta autora.

2.3 Semiose

As impressões e interpretações que temos do mundo e de tudo que faz parte dele passam por um processo subjetivo chamado de semiose, “A semiose ou ação do signo é a ação de determinar um interpretante” (Santaella, 1992). Desta forma, todos os signos que são interpretados por nós passam por este processo. Nesta pesquisa, especificamente, o documentário produzido por esta autora passou pela semiose a partir do momento que foi observada a importância em realizá-lo.

De acordo com Peirce existem três tipos de modelos semióticos, eles existem para construir hipóteses usadas para entender e prever como um sistema de relações deve funcionar. Os modelos são parte de estratégias usadas para entender estruturas e processos de evidências, por aproximações, através das descrições simplificadas pelas evidências. Entre os três modelos estão:

Figura 2- tripod

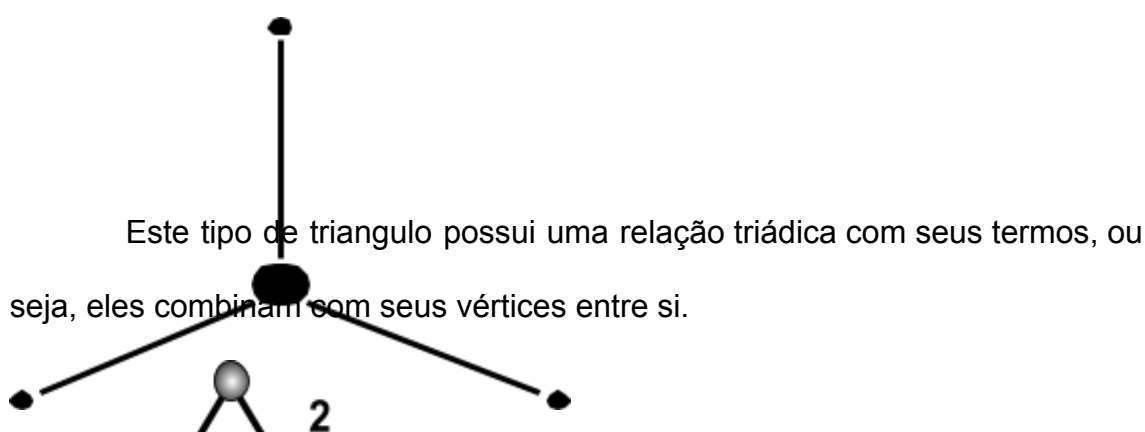


Figura 3- Triângulo de Orgen- Richards

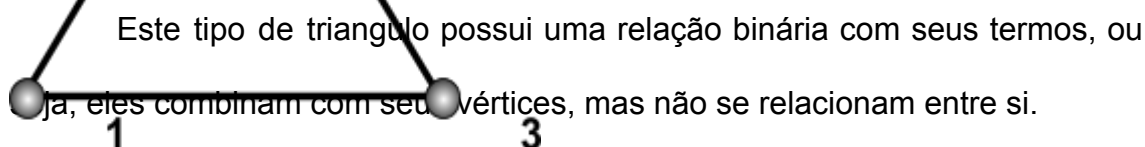
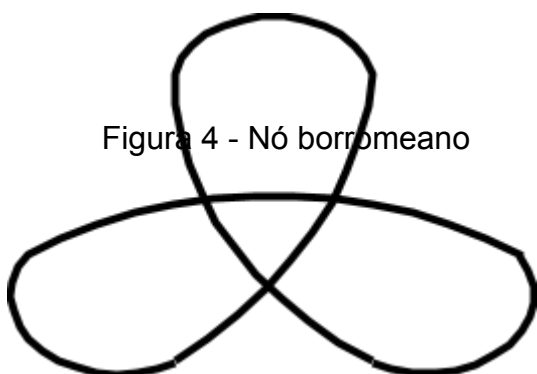


Figura 4 - Nó borromeano



Esta relação é capaz de reduzir relações poliádicas de qualquer grau, constitui uma prova da irreducibilidade das triádicas genuínas, e equivale na semiótica, à relação em que signo, objeto e interpretante são “terceiros” e formam seus membros indefensáveis.

Todos os documentários produzidos passam por um processo de semiose, pois os seus idealizadores tiveram a interação com um signo²¹ que se transformou em um outro signo através de suas interpretações, ou seja, pela semiose, contudo cada tema de documentário passou por esta fase através de seu idealizador. Para a produção de um documentário são utilizados diversos métodos, nesta pesquisa, vamos definir os dois pioneiros em documentarismo, a começar por método do “*Cinéma Verité*” (de Rouch).

Depois dos avanços tecnológicos memoráveis a respeito do registro do documentário começou-se a debater sobre a capacidade que os audiovisuais tem em se aproximar da realidade. Contudo os estudiosos Rouch e Leacock desenvolveram um método de realizar um documentário a partir de equipamentos portáteis com som síncrono que pudessem se aproximar ao máximo da realidade. O método do “*Cinéma Verité*” sugeria que de alguma forma os realizadores tivessem sua interferência assumida no documentário para demonstrar o envolvimento com o assunto. Desta forma se era possível ter acesso a uma evidência de alguma coisa real, portanto seria possível chegar próximo da realidade. Por meio deste método foi possível a interação dos documentaristas e dos “objetos” participantes.

²¹ "Defino um Signo como qualquer coisa que, de um lado, é assim determinada por um Objeto e, de outro, assim determina uma idéia na mente de uma pessoa, esta última determinação, que denomino o *Interpretante* do signo, é, desse modo, mediatemente determinada por aquele Objeto. Um signo, assim, tem uma relação triádica com seu Objeto e com seu Interpretante (8.343)." (p.12) **Santaella, L. (2000). *A teoria geral dos signos: Como as linguagens significam as coisas*. 2ª ed. São Paulo: Pioneira.**

Um dos exemplos deste trabalho foi o projeto desenvolvido no Challenge for Change/Société Nouvelle, iniciado em 1966. Nesta época diversos filmes foram realizados pelo documentarista George Stoney, entre eles estavam o *You are on Indian Land*, de 1969. Neste filme Stoney desenvolveu juntamente com a população indígena ameaçada pelo fechamento de uma ponte do governo federal um documentário. Depois desta experiência o filme foi utilizado como exemplo de um método natural de captação da realidade. Em 1969 foi produzido também o VTR *St. Jacques*, no qual videocâmeras e gravadores foram distribuídos pelos participantes para a produção de um documentário sobre um conflito social na região do Quebec. Em Documentário, Realidade e Semiose, GODOY (2002, p. 262) cita a relevância deste método:

Desde o filme de Rouch, intensificou-se um procedimento que consiste na obtenção da opinião dos envolvidos a respeito dos resultados do filme. No caso de Rouch, essas opiniões foram incluídas no próprio *Chronique*. Esse caminho vem sendo seguido pelos cineastas que fazem a opção por este tipo de metodologia, permitindo que os próprios envolvidos dêem suas contribuições na montagem do filme.

Porém o caminho seguido pela indústria audiovisual (televisão e cinema) desenvolveu-se muito mais na direção metodológica do “*Direct Cinema*”. Este método americano de produzir documentários passou a servir de padrão de documentários aceito pelos programadores de televisão a partir da década de 70, todavia ele teve que ser adaptado para as condições econômicas e organizacionais de uma emissora de TV. O “*Direct Cinema*” consistia na produção de um documentário em que não se revela qual o método utilizado. Ou seja, do ponto de vista da criação do filme, o “*Direct Cinema*” pressupõem

um discurso sobre realidade sem se considerar como o discurso foi produzido.

GODOY (2002, p. 260) comenta esse método:

(...) Uma comparação bem simplista seria com aqueles textos de divulgação científica no qual o conteúdo científico é divulgado muito embora não sejam fornecidas as pistas de como os cientistas puderam descobrir aquele significado. Ainda assim, mesmo se considera equivocada essa posição do direct, não seria o suficiente para se negar a possibilidade metodológica de acesso à realidade.

Outro fator considerável do “*Direct Cinema*” é o de avaliar a capacidade investigativa dos cineastas mediante a disposição financeira de custeio do processo. Pode-se imaginar que com a evolução dos processos tecnológicos, se o custo com material sensível diminui, o mesmo não acontece com a infra-estrutura técnica de edição de montagem eletrônica, portanto, desta forma, o problema com gastos continua. Já no caso do filme etnográfico o tamanho da equipe é reduzido, geralmente é composto por duas ou três pessoas. Usualmente o técnico de som pertence ao mesmo grupo étnico que está sendo documentado (por questões de linguagem), o cinegrafista pode ser o próprio antropólogo.

No processo investigativo há uma diferença entre os documentários etnográficos com os do “*Verité*”, que geralmente são encomendados por emissoras de TV, portanto, tem prazo e gastos regulados. Os etnográficos possuem menos rigidez quanto à organização prévia do roteiro, ao cumprimento de fases e etapas da pesquisa. As fases da produção de um documentário são iguais às fases de qualquer produção audiovisual, embora por conta das características investigativas existam procedimentos específicos.

Geralmente as fases dos processos são divididas em: pré-produção, produção, pós-produção e distribuição. Na pesquisa de produção está inserido levantamento de todas as informações disponíveis sobre o assunto enfocado: dados bibliográficos, informações obtidas através de entrevistas pessoais, imagens de arquivo visitas a campo. Com o roteiro concluído é possível que se passe para as seguintes fases: planejamento de produção, visitas aos locais de filmagem, solicitação de permissões para filmar nos locais determinados, contato com as pessoas a serem entrevistadas, seleção de equipe de filmagem e dos equipamentos, etc. GODOY (2002. p. 272) explica a diferença nos documentários:

Uma grande diferença metodológica entre a concepção de documentário do tipo procurado pelas televisões, e outros filmes etnográficos e independentes, está no aspecto da colaboração dos participantes durante a montagem.

Para desenvolver esta pesquisa a autora aplicou um questionário de perguntas para dois ex-alunos do curso e com os professores que fazem parte do Núcleo. Nele em ficou observado que por meio do signo, semiótica, que várias interpretações ocorreram. Desta forma identificamos a semiose, ou seja, a ação do signo. Mediante os resultados foi possível identificar as seguintes características:

- Todos os entrevistados identificaram a semiótica como a ciência que estuda a os signos e suas representações;
- A maioria encara o estudo da ciência como um desafio;

- Já desenvolveram ou pretendem desenvolver trabalhos de pesquisa científica utilizando a semiótica;
- Acreditam que o as ações do Núcleo podem contribuir com o desenvolvimento de outras pesquisas;
- Pretendem apoiar as ações de disseminação da ciência no Estado;
- Têm contato com outras pessoas que estudam a semiótica;
- Desenvolveram ou vão desenvolver suas pesquisas com a leitura de livros;
- E imaginam que o futuro da semiótica terá bastantes progressos com a realização de mais trabalhos e com a inclusão desta disciplina em outros cursos.

Mediante estas respostas a autora vai poder escolher seus entrevistados e imagens para a composição do documentário. A semiose atuou aqui de forma a interagir com a representação dos signos dos entrevistados com a percepção que a autora tinha sobre o assunto.

3. Roteiro – A semiótica na Terra de Macunaíma

11 SEGUNDOS DE COLOBAR

FAD IN

PLANO 1: Professor Maurício Zouein na sala do Núcleo de Rádio e TV
Universitário

SONORA 1: Professor Maurício Zouein- Fundador do NUPS

“Em 83 eu servi exército aqui, na época, segundo BEFE, e naquela época nós ficávamos muito em regime de internato, vai pra uma missão fica trinta dias, vai pra outra fica quinze dias, e numa dessas ações dentro do exército nós, o comandante avisou que nós iríamos para Auaris, Ericó, Tepequém. Ai eu liguei para meu pai, na época nós morávamos no hotel Tropical, hoje Aipana, e pedi pra ele comprar um livro para mim. Como naquela época aqui não tinha livrarias, só bancas de revista, se eu não me engano a do seu Dadá, e pedi um livro. O único que havia era aquela coleção dos Pensadores, de Peirce e Frege. Tratava de lógica, e a partir daí eu comecei a ler a respeito da semiótica”

QUADRO 1: exter/dia: fachada do hotel Aipana, banca do seu Dadá, a banca hoje em dia, livro da coleção ‘Os Pensadores’:Peirce e Frege.

FAD OUT

CARTELA 1 - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (6 s)

**CARTELA 2-UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA/NÚCLEO DE RÁDIO
E TV UNIVERSITÁRIO / NÚCLEO DE PESQUISA SEMIÓTICA DA AMAZÔNIA
(4 s)**

FAD IN

TÍTULO: A SEMIÓTICA NA TERRA DE MACUNAIMA

OFF: Estudar as representações do signo: esta é a função da semiótica. Entre os principais estudiosos da ciência está Charles Sanders peirce, o pai da semiótica americana. Filósofo, Matemático, lógico e fundador do pragmatismo. Peirce seguiu os passos do pai Benjamin Peirce; matemático, astrônomo, físico e ficou conhecido pelos estudos sobre o planeta Netuno. Peirce começou a estudar lógica muito cedo aos catorze anos lia a Crítica da Razão Pura de Kant. Porém sua vida pessoal foi bastante atribulada casou duas vezes uma delas com a francesa Juliette. Seus últimos dias foram de enfermidade e muita pobreza. Pierce morreu em 19 de abril de 1914 aos 75 anos. Mas o reconhecimento de seus trabalhos veio depois da sua morte.

QUADRO 2: inter e exter./dia. Fotos: Peirce em várias etapas da vida e morto, Benjamin Peirce (pai), Juliette (esposa).

Sonora 2: Professor Maurício Zouein-Fundador do NUPS

“Então era uma pedra, um galho de árvore caído, uma folha e uns cinco ou seis depois surgiu um índio. Então quer dizer o que aquele índio representa pra mim e foi aí que a coisa começou a tomar um âmbito de paixão, e você começa a perceber o ser humano de forma diferente, ou seja, o que aquela pessoa representa para você, não só profissionalmente, mas afetivamente, ou até mesmo no que ele pode te influenciar nos teus atos nas tuas ações”.

OFF: Hoje em todo mundo há trabalhos utilizando a teoria dos signos de Peirce, e em Roraima não é diferente, tudo começou em 1997 na Universidade Federal de Roraima.

QUADRO 3: inter/exter/dia: Livros de semiótica, praça do bloco IV da Universidade Federal e placa com o nome da UFRR que fica na entrada do campus.

PLANO 2: interna-dia. Professora Mestre Vângela Moraes na sala do NRTV

Sonora 3: Vângela Moraes- fundadora do NUPS

“Eu já era professora do curso e havia nas disciplinas teóricas o conteúdo da semiótica e aí a gente obedeceu esta orientação programática e passamos eu acho que pelas turmas de 97, 98, e estudar a semiótica aqui para a região representa este olhar diferente inovador, servindo como suporte para as pesquisas”.

Sonora 4: Professor Maurício Zouein-Fundador do NUPS

“Foi uma pesquisa de cinco anos e meio em relação ao estudo da ciência e a parte teórica e prática e foram sete anos de recolhimento de material iconográfico, desenhos e fotografias, então eu tenho um acervo de registros iconográficos. Então eu resolvi fazer destas imagens um documentário que é a forma mais prática e fácil de você divulgar essas imagens de 1800 , 1700, até 1970, então peguei essas imagens e fui divulgar isso para que a comunidade pudesse ter acesso.e a partir daí que nós pensamos no documentário. Lógico eu é difícil de ser feito, por que a Universidade não tinha, não possuía o equipamento, e como fica caro para um aluno nós procuramos uma produtora e fomos atrás de patrocínio, e conseguimos o apoio do SESI”.

QUADRO 4: exter/ dia: Imagens do documentário: “Em Nome da Terra”.

Plano 3: interna-dia.Almercir Câmara na sala da superintendência do SESI

Sonora 5: - Almercir Câmara- superintendente do SESI

“E pra nós é importante por que é uma relação ganha, ganha, ele produziu um bom material que tem sido referência não só aqui em Roraima mas também fora daqui”

Plano 4: interna-dia. Professor doutor Fernando Menezes na sala do departamento de medicina da UFRR.

Sonora 6: Professor doutor Fernando Menezes- ex-reitor da UFRR

“Bom na época o professor Maurício ainda era aluno de graduação, tava terminado o curso e de uma maneira até surpreendente nos apresento uma época um trabalho criativo que abordava a questão da terra q questão indígena sob o ponto de vista da semiótica, então isso foi muito importante que mostrava primeiro a capacidade do então aluno Maurício em trazer um trabalho criativo, numa proposta clara, e eu diria algo já completo do ponto de vista do preparo do documentário que seria apresentado posteriormente.”

QUADRO 5: inter/dia: Imagens do documentário “Em Nome da Terra”, fotos do então acadêmico Maurício Zouein durante a apresentação de sua monografia em 2001.

Sonora 7: Almercir Câmara- superintendente do SESI

“São assuntos que nos interessam a semiótica eu passei a conhecer mais a partir deste trabalho e o SESI ele investe na cultura no conhecimento, então não só este tema mas qualquer outro tema que venha promover o desenvolvimento deste cadeia produtiva a gente ta apoiando. A semiótica nos deu assim uma abertura de analisar o significado da palavra, da imagem e começar entender melhor esta questão social. Então a gente v6e muita coisa que depois que a gente passou a entender um pouquinho mais a semiótica,

você passa a ver uma matéria de uma forma diferente, a ler uma livro com uma análise mais científica então para nós foi muito bom”.

Sonora 8: Professor doutor Fernando Menezes- ex-reitor da UFRR

“Nós achamos que era muito interessante tinha qualidade para representar a Universidade em outras instâncias, e o que nós fizemos foi estimular o professor Maurício, agora, a participar destes congressos”.

QUADRO 6: Fotos do professor Maurício Zouein em Congresso de Semiótica em São Paulo em 2002 e da I Conferência Brasileira de Semiótica.

Plano 5: interna-dia. Armando Ladeira na sala da superintendência do Sebrae

Sonora 9: Armando Ladeira- superintendente do Sebrae

“Principalmente por ser uma coisa nova, e por ser uma coisa nova surge às resistências. Então este esforço que a Universidade vem fazendo para trazer estas coisas novas não pode deixar de ser apoiada”.

Vt exibido na TV Caburaí em três de Janeiro de 2003

Reportagem: Priscila Gonçalves

Imagens: Laurismar Sampaio

OFF: O phd Floyd Merrell visita primeira vez o Estado de Roraima. Ele busca novos conhecimentos na comunicação humana e nos animais desta região. O trabalho é feito através da semiótica estudo dos signos.

Plano 6: interna-dia. Phd Floyd Merrell na sala do NRTV

Sonora 10: Floyd Merrell Phd em semiótica

“O estudo da comunicação e através dos signos a semiótica é a ciência dos signos. Classificação dos signos este, percepção, e também os significado dos signos. Então a semiótica tem a ver com a comunicação no sentido mais amplo da palavra. Então a estética reúne dados importantes da comunicação”.

Plano 7: interna-dia. Professor doutor Luiz Carlos lasbeck no auditório da UFRR durante a palestra: Semiótica e Complexidade.

Sonora 11: Luiz Carlos lasbeck - Doutor em semiótica

“Realmente é um prazer, e vou dizer por que, não é só uma questão formal dizer que é um prazer. Primeiro pelo fato de estar aqui em Roraima um lugar eu vim a conhecer pó causa da semiótica e na presença do professor Maurício frutificando pra caramba neste Núcleo de semiótica. A gente vê que neste começo de curso as pessoas estão começando ou terminando e já com este pique todo do ponto de vista da curiosidade de trabalhar a semiótica. Essa é uma coisa particularmente gratificante pra gente em Brasília nos criamos há seis atrás uma associação de comunicação e semiótica. Eu já trabalho há mais de 15 anos com a semiótica e nunca tivemos uma recepção tão auspiciosa como esta aqui em Roraima”.

Plano 8: interna-dia. Alunos da UFRR falando de seus trabalhos de conclusão de curso na palestra Semiótica e Complexidade no auditório da UFRR.

Sonora 12: Viviane Gomes de Lima

“O título do meu trabalho é ‘Ausência Corporal no Cotidiano Marginal - Semiótica, Imagem e Minorias’, eu escolhi a comunidade do bairro Caetano Filho mais conhecido como Beiral, por que a partir do momento que a gente

fala Beiral a gente tem uma imagem que no bairro só existam prostitutas, homossexuais e traficantes”.

Sonora 13: Romano dos Anjos

“O meu trabalho é sobre rádio amador “Comunicação Transacional e Semiótica” eu vou trabalhar com a comunidade Yekuana que tem um rádio amador aqui e se comunica diariamente com os índios lá na reserva Yanomami. Vou fazer um paralelo, vou mostrar a gíria e como é usado este rádio normalmente pelos índios”.

Sonora 14: Ana Cláudia Souto Maior

“Eu vou tentar mostrar como é feita a produção de um programa de televisão, eu vou escolher um determinado programa. Pesquisar como é feita esta percepção até chegar aos telespectadores”

Sonora 15: Marta Gardênia

“A proposta do TCC é dar ferramentas para uma comunidade para elaborar um jornal comunitário. Esta comunidade é de jovens que tem um perfil especial, são jovens que estão em situação de risco social e pessoal a maioria vive na linha da pobreza ou indigência, e grande parte cometeu ato infracional”.

Sonora 16: Leocides Grazziotin

“O título do meu trabalho vai ser ‘Integração - a miséria instituída na periferia de Boa Vista’. Eu vou tentar fazer uma análise semiótica da palavra integração em dois universos. O universo institucionalizado que é a Funai e o universo da comunidade indígena que mora na periferia de Boa Vista”.

Sonora 17: Rodrigo Baraúna

“O que foi bem legal assim eu a Janini dois alunos lá apresentado trabalho para doutores lá foi uma experiência ‘terrível’, meu Deus, o legal foi que eles falaram que no dia anterior eles estavam assistindo a uma palestra em inglês que foi ‘pior’. Mas foi muito legal na verdade foi uma honra pra gente, por que éramos os únicos estudantes do Brasil apresentado trabalhos aqui de Roraima falando da nossa gente, da nossa cultura que faz parte da nossa realidade”.

Sonora 18: Maurício Zoueiri-fundador do NPUS

“Então eu comecei a dividir isso com meus alunos, porém para sistematizar isso tanto pra professores quanto para alunos, nós resolvemos montar um grupo de estudo que virou um grupo de pesquisa, que achou por bem construir, arquitetar um núcleo de pesquisa, e como a gente conhece, tem contato com muitos professores da região, nós resolvemos colocar o nome do núcleo de Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia”.

QUADRO 7: Fotos: Rodrigo Baraúna e Janini Marques na II Conferência Brasileira de Semiótica em 2003, placa do NUPS.

Plano 9: interna-dia. Professora doutora Kátia Wankler na sala da pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação

Sonora 19: Kátia Wankler - pró-reitora de pesquisa e pós-graduação

“Eu fui designada para ser a relatora do projeto, também como conselheira, e por eu ter uma afinidade com a área por ser do curso de letras que é do mesmo centro de comunicação que era quem propunha a criação do núcleo. Bom eu fiz uma exposição confesso até que apaixonada falando dos méritos e das conquistas deste grupo que trabalha e semiótica e tentando enfatizar que se sem o núcleo eles já estavam tendo tantas vitórias, imagina com o núcleo. E

inclusive os outros conselheiros também se manifestaram falando da importância não só para a Universidade, mas para o Estado, e ele foi aprovado por unanimidade”.

Plano 10: interna-dia. Dr Roberto Ramos na sala de reitoria da UFRR

Sonora 20: Dr Roberto Ramos-Reitor da Universidade

“É importante do ponto de vista científico no sentido que projeta a Universidade para este campo e saber que já tem um núcleo de pesquisa semiótica da Amazônia aqui na Universidade fortalece este campo da pesquisa científica”

Sonora 21: Dr. Fernando Menezes-ex-reitor UFRR

“Nós achamos que a ação que ele começou naquele momento era importante, tanto é que houve a criação do núcleo e hoje há seguidores no sentido que novas monografias estão sendo feitas utilizando a semiótica”.

Plano 11: externa-dia. Rodrigo Baraúna na parte externa do NRTV

Sonora 22: Rodrigo Baraúna-jornalista

“Nós fizemos o trabalho utilizando o tripé da semiótica da teoria da Peirce que é a primeiridade, secundidade e terceiridade e a gente dividiu bem isso. A primeira idade seria a qualidade: o que é o Yekuana? Onde ele está? Quais são as qualidades dele? E a secundidade seria a ação que foi a nossa ação de pesquisador de ir atrás de grava um depoimento deles. E a terceiridade de juntar essas duas coisas e num espaço, num recorte de tempo, pegar uma frase desta gravação, na frase que seria: ‘eles não usam desodorante faz mal para cabeça’, e nós viajamos encima desta frase e a semiótica nos proporcionou isso, outra ciência seria impossível falar sobre este assunto”.

Sonora 23: Vângela Moraes - fundadora do NPUS

“E a decisão de fazer parte deste núcleo vem muito desse envolvimento, nos trabalhamos juntos, e poder dividir com eles este aprendizado é muito bom”.

Plano 12: interna-dia. Helena Fioretti no museu integrado de Roraima

Sonora 23: Helena Fioretti - Conselheira do NUPS

“E aí então pela minha empolgação meu envolvimento, pelo apoio, sempre ajudei no trabalho dos alunos, sempre me disponibilizando, por que eu acredito nesta nova perspectiva de abordagem utilizando a semiótica então é claro que quando a gente está e envida é mais fácil trocar estas informações. Estou sempre querendo aprender, é muito complexo, mas é extremamente estimulante pelo menos pra mim me dá a impressão que é por este caminho que eu quero seguir”.

Plano 13: interna-dia. Professora Mestre Sônia Padilha no estúdio do NRTV

Sonora 24: Sônia Padilha - fundadora do NUPS

“Não só pelo fato de ser de semiótica, mas pelo fato de ser um núcleo de pesquisa, e acho assim que a área da semiótica é muito abrangente e consegue abarcar várias visões. Dentro da linha de pesquisa e isto é importante. A semiótica é muito instigante, ela consegue lançar um olhar diferente, e por se um núcleo de pesquisa você não está sozinho, você aglutina pessoas, e começa a sistematizar o estudo, por que estudar sozinha é uma coisa muito solitária, e o núcleo tem esse ‘caldo’ de idéias que é muito bom”.

Plano 14: interna-dia. Professor Mestre Noujaim Pereira no estúdio do NRTV

Sonora 25: Noujaim Pereira - Fundador do NUPS

“Eu achava que não era bem a minha praia a semiótica, achava que seria a comunicação rural, o rádio eu é o que eu trabalho, mas aí eu vi que a semiótica tem haver com tudo isso. Então quando o Maurício me chamou para fazer parte do núcleo eu pensei: eu vou aprender! Eu vou aprender junto com eles, e to engatinhando também e aprendendo a semiótica eu fico envaidecido quando eu vejo meus alunos participando de congressos, mostrando seus trabalhos, falando de semiótica e vejo que estão no caminho certo”.

Plano 15: externa-dia. Leocides Grazziotin aluna de comunicação na área externa do NRTV

Sonora 26: Leocides Grazziotin - Acadêmica de jornalismo

“Um desafio. Por que foi colocado pra gente que a nós tínhamos a oportunidade de participar de um congresso de semiótica e a gente não tinha muita noção do que era a gente não conhecia a trilha. E nós trabalhamos com a percepção, os cinco sentidos, e foi uma experiência maravilhosa, foram três horas de caminhada por uma trilha inóspita, escorregadia, cheia de obstáculos. Em meio a natureza foi uma experiência muito boa, e depois a gente fez esse trabalho apresentamos na II Conferência Brasiliense de Semiótica, para nós foi muito bom.

Sonora 27: Sônia Padilha - Fundadora do NUPS

“Foi um encantamento assim contagiante, por que começou com poucas pessoas depois foi irradiando para outros grupos, anos após ano, tem aumentado o número de alunos com interesse. E é um interesse e paixão, isso que eu acho legal”.

QUADRO 8: exte/dia: Fotos do alunos: Priscila Gonçalves, Leocides Grazziotin, Daniel Albuquerque, Ricardo Amaral, Janini Marques, Romano dos Anjos, e a convidada Karen Telles durante a trilha coatá na comunidade nova esperança.

Sonora 28: Maurício Zouein - Fundador do NPUS

“Para mim o mais importante disso tudo, mais do que ter feito primeiro trabalho é perceber que ele deu frutos. Por que se os professores e alunos do curso não tivessem apostado nessa idéia, nós não estaríamos aqui hoje. Então mais importante para mim é saber que existe um grupo responsável por este trabalho e que somente com a união deste grupo é possível vislumbrar um futuro promissor para a semiótica aqui em Roraima. E eu tenho certeza que dessa união ainda vamos colher outros frutos”.

FAD OUT

EQUIPE TÉCNICA

IMAGENS: Francismário Mesquita da Silva

EDIÇÃO: Maximiliano Neto

PRODUÇÃO E DIREÇÃO: Priscila Gonçalves

CARTELA 1 – NÚCLEO DE PESQUISA SEMIÓTICA DA AMAZÔNIA/
NÚCLEO DE RÁDIO E TV UNIVERSITÁRIO/ UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RORAIMA (4s)

CARTELA 2 – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (6s)

11 SEGUNDOS DE COLOBAR

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso objetivou o resgate das ações envolvendo a semiótica em Roraima e do Núcleo de Pesquisa Semiótica da Amazônia. Neste sentido foram realizadas coletas de informações, entrevistas, captação de imagens, e por fim a construção do documentário “A semiótica na terra de Macunaima”, onde foram mostrados os principais personagens que contribuíram direta ou indiretamente com o desenvolvimento das ações utilizando a semiótica, e as locações referentes a esta história. E de acordo com os resultados encontrados durante a realização e finalização do filme é possível dizer que a construção deste material vai contribuir com o resgate das ações envolvendo a semiótica.

Com o intuito de identificar as principais características daqueles que já realizaram pesquisas por meio da semiótica ou mesmo que fazem parte do NUPS e pretendem trabalhar com a ciência foi aplicado um questionário com 10 perguntas. Mediante as respostas a autora da pesquisa pode perceber que elementos poderiam ser utilizados no documentário.

A autora expôs durante a pesquisa informações como: origem do documentário, da semiótica fílmica e das linguagens do pensamento. Foi observado também durante a pesquisa a importância da semiótica na realização do documentário. Por meio destas informações teóricas a autora obteve informações para a construção do documentário.

Entre as etapas para a realização do documentário estiveram: a pré-produção, produção, pós-produção, e edição. Durante toda esta pesquisa vários fatores contribuíram para a dedução do resgate proporcionado pela

confeção deste material. Por exemplo, palestras, eventos, congressos onde acadêmicos e professores estiveram presentes foram registrados no documentário. A presença do Phd Floyd Merrell e do Prof. Dr. Luiz Carlos lasbeck em Roraima, mais especificamente na Universidade Federal foram captadas para a composição da pesquisa. Portanto as gerações futuras entre professores e alunos além da comunidade em geral terão a oportunidade de conhecer por meio deste trabalho de conclusão de curso e de um audiovisual, que utiliza a linguagem mais abrangente, as ações que fizeram parte da história da ciência, semiótica, até então em Roraima.

REFERÊNCIAS

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. 12 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

DA - RIN, Silvio. **Espelho partido. Tradição e transformação do documentário**. Azouge editorial, Rio de Janeiro, 2004.

DE FRANCE, Claudine. **Do filme etnográfico à antropologia fílmica**. Editora da Unicamp, São Paulo, 2000.

DUBOIS, Philippe. **Cinema, vídeo, Godard**. Editora Cosac Naife, São Paulo, 2004

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Dicionário Aurélio**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o trabalho Científico. Explicitação das Normas da ABNT**. 13. ed. Porto Alegre: s,n, 2004.

GODOY, Hélio. **Documentário: Realidade e semiose. Os sistemas audiovisuais como fontes de conhecimento**. Annablume editora, São Paulo, 2002.

LAVRADOR, F Gonçalves. **Estudos da semiótica fílmica. Introdução geral e prolegómenos**. Edições Afrontamento, Portugal, 1984.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho, televisão, cinema e vídeo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2004.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Editora brasiliense, São Paulo, 2003.

NETTO, J. Teixeira Coelho. **Semiótica, Informação e Comunicação**. São Paulo, Perspectiva, 1999.

PEIRCE, Charles Sanders. **Escritos Coligidos**. São Paulo: Abril, 1983. Coleção os Pensadores, 276p.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 3ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. 342p.

PENAFRIA, Manuela. **Unidade e diversidade do filme documentário**. 1998. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-filme-doc.html>>. Acesso em 24 de Abril, 2005.

PENAFRIA, Manuela. **Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo**. 1999.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no filme documentário**. 2001.

PIMENTA, Marilu Ribeiro. **Moore than this! Um estudo sobre o filme documentário de Michael Moore**. Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social do Departamento de Ciências da Comunicação – DCC – do Centro Universitário de Belo Horizonte – UniBH – como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, 2004. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>> Acesso em 25 fev. 2005.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor, 1991. 171p.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos**. São Paulo: Ed. Pioneira, 2000.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001. 216p.

SANTAELLA, Lúcia. **Matrizes da Linguagem e do Pensamento - Sonora, Visual, Verbal**. São Paulo: Iluminuras, Fapesp, 2001.

SILVA, Dinorá Fraga da, VIEIRA, Renata. **Ciências Cognitivas em Semiótica e Comunicação**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999. 183p.

SOUZA, Hélio Augusto Godoy de. **Documentário, realidade e semiose: os sistemas audiovisuais como fontes de conhecimento**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus editorial, 1997.

ZANDONADE, Vanessa e FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, do Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis/Fundação Educacional do Município de Assis, para obtenção do grau de bacharel em Jornalismo, 2003. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt>> Acesso em 25 fev. 2005.

ZOUEIN, Maurício Elias. **Em nome da terra: semiótica, índio e mídia em Roraima. Boa Vista**. Monografia apresentada ao Departamento de Comunicação Social como requisito para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), 2001.

http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=penafria-perspectivas-documentarismo.html> Acesso em> 24 Abril, 2005

<http://www.mundodosfilosofos.com.br/kant.htm>

<http://www.pucsp.br/pos/cos/cepe/semiotica/semiotica.htm#13>